



LEITURA, POESIA E TRADIÇÃO ORAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROVÉRBIOS

Maria Roselí da Silva Pereira

Universidade Estadual da Paraíba- Campus VI
maroseli.silva@hotmail.com.br

Prof. Orientador: Marcelo Medeiros da Silva

Universidade Estadual da Paraíba
marcelomedeiros_silva@yahoo.com

RESUMO: Este artigo é decorrente das nossas ações como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que estão sendo realizadas em uma das escolas da rede pública de ensino do município paraibano de Monteiro. No presente trabalho, deter-nos-emos em relatar e refletir sobre as ações que desenvolvemos durante a intervenção que realizamos a partir da leitura e da produção de textos pertencentes ao gênero *provérbio*. Como aporte teórico para a intervenção bem como para as reflexões apresentada aqui, guiamo-nos pelas orientações propostas por Figueiredo (2012) e Gomes e Moraes (2013) a fim de pensarmos em abordagens diferenciadas acerca do gênero proposto para estudo com os alunos, as quais propiciassem a esses momentos lúdicos de aprendizagem diferentemente de outras práticas de leitura e de escrita com as quais eles, costumeiramente, mantinham contato. Por fim, reiteramos que o PIBID tem colaborado para a formação de um profissional capaz de avaliar o que realmente é relevante para a sua futura atuação docente, de sugerir e de criar alternativas para lidar com as dificuldades encontradas no ambiente escolar e de unir teoria e prática ao refletir acerca da realidade vivenciada a partir das intervenções em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Provérbios, Ensino de Língua Materna, PIBID.

INTRODUÇÃO

Este artigo é decorrente das nossas ações como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que estão sendo realizadas em uma das escolas da rede pública de ensino do município paraibano de Monteiro. Nossas ações na escola estão centradas no desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras dos alunos. Como na turma em que trabalhamos existiam, segundo a professora supervisora, alguns alunos que, apesar de estarem



alfabetizados, ainda não eram letrados, optamos por dar um atendimento especial a esses alunos com vistas a melhorar o nível de letramento deles. Desse modo, reunimo-nos, semanalmente, com tais alunos da sala de aula com o intuito de proporcionar-lhes situações de aprendizagem de leitura e de escrita a partir de atividades dinâmicas, interativas e, sobretudo, lúdicas. No presente trabalho, deter-nos-emos em relatar e refletir sobre as ações que desenvolvemos durante a intervenção que realizamos a partir da leitura e da produção de textos pertencentes ao gênero *provérbio*.

A escolha por tal gênero textual deu-se em virtude das seguintes razões: primeiro, considerando-se que os alunos apresentavam dificuldades em ler e escrever, o texto proverbial, dada a sua natureza concisa, poderia contribuir para o desenvolvimento de tais práticas. Segundo, como os alunos pertencem a um universo cultural marcado por expressões várias da cultura popular (cirandas, mazurcas, repentes, cantorias, cordel, bandas de pífano, forró pé-de-serra), a inserção, nas aulas de Língua Portuguesa, de provérbios poderia levar esses alunos a apreciar as produções culturais de expressão popular, bem como a valorizar as formas “poéticas” de nossa tradição oral, visto que, no ambiente escolar, existe uma maior valorização de gêneros pertencentes ao domínio da escrita em detrimento dos gêneros ligados ao domínio da oralidade. Decorrente disso, uma terceira razão é o fato de que defendemos uma maior presença de textos de natureza oral em sala de aula, pois, como sabemos, toda prática oral antecede a escrita. Por fim, acreditamos que, diante de tais textos, os alunos irão sentir-se à vontade ao desenvolverem práticas sociais de letramento que dialogam com o vasto acervo de textos da tradição oral herdados de nossos antepassados, com os quais eles têm maior familiaridade em virtude de razões sociais, culturais, geográficas e históricas.

Aliado ao estudo do gênero provérbio, a fim de alargar o horizonte dos alunos, desenvolvemos atividades de leitura das obras poéticas “Eu Me Chamo Antônio”, de Pedro Gabriel, e “Pó de Lua”, de autora Clarice Freire. Semelhantemente aos provérbios, ambas as obras são construídas a partir de dizeres concisos e de imagens que procuram encerrar uma lição acerca de ser e existir. Acreditamos que o contato com essas obras nas aulas de língua materna poderá despertar o interesse dos alunos para as formas de manifestação do poético no nosso cotidiano, bem como



despertar a criatividade de tais alunos. No desenvolvimento de nossas atividades ao longo de nossas intervenções como bolsistas do PIBID, guiamo-nos por uma perspectiva em que compete aos alunos o papel não só de leitores, mas também de “produtores” de poesia. Desse modo, procuramos valorizar a criatividade deles, uma vez que os colocamos diante de propostas de leitura e de escrita que, sem deixarem de ser alegres, divertidas, foram, sobretudo, desafiadoras. Com o presente trabalho, ensejamos contribuir para a ressignificação das práticas de leitura e de escrita no ambiente escolar de forma que as atividades voltadas para o desenvolvimento de tais habilidades por parte dos alunos sejam realizadas de forma aprazível.

METODOLOGIA

Considerando que a sala de aula pode se tornar um espaço propício para a valorização das formas “poéticas” de nossa tradição oral, realizamos, como dito acima, um trabalho criativo e lúdico com o gênero *provérbio*. O nosso propósito, aqui, não é expor, simplesmente, as nossas ações na escola e os resultados alcançados, mas apresentar uma ação metodológica que poderá contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de alunos com baixos índices de letramento.

O primeiro momento consistiu no trabalho mais verticalizado com o gênero *provérbio* a partir de jogos criados com alguns dos provérbios que consideramos ser os mais conhecidos dos alunos. Realizamos, então, dois jogos. O primeiro, o “quebra-cabeça poético”, funcionou da seguinte forma: primeiramente, dividimos a turma em duplas e entregamos a cada uma delas uma sacola, na qual havia cinco provérbios. No entanto, constavam apenas palavras isoladas, as quais os alunos deviam juntar para descobrir de que provérbio se tratava. Ao final, a dupla que conseguisse montar o quebra-cabeça em primeiro lugar venceria o jogo. O segundo, o “jogo da memória proverbial”, consistiu em entregarmos a cada aluno quatro papéis, nos quais constava apenas um trecho de um provérbio. Depois, solicitamos que um dos alunos iniciasse a leitura de um dos papéis que lhe foi entregue. Após a realização da leitura, o aluno que estivesse com o outro trecho devia se manifestar completando assim o provérbio. Esse procedimento foi realizado até que todos os textos

foram devidamente completados.

Após esse momento lúdico, passamos a ler e interpretar os provérbios utilizados em sala de aula. Durante a interpretação, analisávamos os significados, a linguagem empregada, os aspectos ideológicos e os preconceitos apresentados. Ao final, pedimos que cada aluno pesquisasse os provérbios que as pessoas de sua família conheciam para apresentá-los no encontro seguinte. No quarto momento, os alunos apresentaram os provérbios solicitados e em seguida iniciamos a discussão sobre tais textos. Após essa discussão, sugerimos aos alunos que escolhessem um dos provérbios que apresentam algum tipo de preconceito para reescrevê-lo, deixando-o isento de ideias preconceituosas. Em seguida, os alunos foram convidados a socializarem a releitura dos provérbios mostrando em que aspectos a sua produção se diferenciava do provérbio original.

No momento seguinte, realizamos a leitura e a interpretação de algumas fábulas de Esopo com o objetivo de levar os alunos a refletirem acerca da semelhança de sentido entre tais textos e os provérbios. No entanto, iniciamos mostrando apenas as gravuras que acompanham as fábulas no livro em que estávamos lendo para que os alunos pudessem fazer a leitura de tais imagens. Em seguida, iniciamos efetivamente a prática de leitura das fábulas. Ao final da leitura e da discussão de cada fábula, pedíamos que tentassem relacioná-las a outros provérbios. Após essas ações, a fim de partirmos para atividade de produção escrita, considerando-se que algumas marcas do gênero *provérbio* tinham sido apreendidas pelos alunos, tais como a linguagem concisa e a transmissão de saberes sobre a vida, aspecto esse também recorrente nas fábulas lidas, passamos a apresentar aos alunos as obras poéticas *Eu Me Chamo Antônio* e *Pó de Lua*, as quais são marcadas por imagens e dizeres sobre a vida, o cotidiano, o amor. Para tanto, convidamos os alunos para retirarem os textos de dentro de duas cestas: em uma, estavam às cópias dos guardanapos poéticos retirados do livro *Eu Me Chamo Antônio* e, em outra, estavam as do livro *Pó de Lua*. Logo após, solicitamos que apresentassem para a turma os guardanapos que escolheram. A cada apresentação, os alunos eram convidados a responder qual tinha sido o motivo da escolha de tais guardanapos. Para tanto, fazíamos perguntas, como: que impressões o texto lhe causou? Você se identifica com essa poesia?



A leitura de tais livros foi realizada através da projeção em data show. Durante a interpretação, analisávamos a relação entre o texto verbal e o não-verbal, as informações que o texto não-verbal nos apresentava, o universo temático apresentado, procurávamos ver até que ponto esses novos textos poderiam ser lidos a partir dos provérbios trabalhados nos encontros anteriores, bem como explorávamos outros recursos que auxiliavam na construção do efeito estético provocado pelos textos extraídos de tais livros. Procurando verificar até que ponto os alunos poderiam se valer da concisão e das “lições” sobre a vida apresentadas nos textos até então estudados, solicitamos a eles a produção de um texto curto que encerrasse um dizer sobre uma temática escolhida pelos próprios alunos. Após, cumprido com o que lhes foi pedido, lemos, discutimos cada dizer produzido e, nos casos em que foi necessário, procedemos à reescrita dos dizeres. Quando a segunda versão ficou pronta, os alunos transcreveram para guardanapos os dizeres produzidos, utilizando lápis e canetas de cores diversas. Os discentes também foram convidados a, ao lado do texto escrito, ilustrar os guardanapos com desenhos ou traços que mantivessem sentido com o que haviam escrito. Por fim, houve a apresentação de todos os guardanapos confeccionados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho em sala de aula, descrito acima, evidenciou-nos a importância da resignificação de determinadas práticas pedagógicas que pouco têm contribuído para a formação dos alunos da educação básica. Dito de outra forma, se pretendemos dotá-los de competências para o manejo da leitura e da escrita como ferramentas imprescindíveis à vida em sociedades letradas como a nossa, devemos oferecer-lhes uma educação que contribua de forma concreta e significativa para o desenvolvimento das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, conforme as situações de comunicação em que esses alunos vierem a se inserir. Como dissemos na introdução, os alunos que participaram dessas ações pedagógicas ainda não dominavam práticas letradas. Por isso, a fim de contribuir para aumentar o nível de letramento deles, é que centramos nossa atenção



no gênero provérbio para cujo estudo trouxemos também outros gêneros, como a fábula. Tais textos, ao lançarem mão de valores sociais, éticos, morais e religiosos, exigem do leitor uma maior participação e atenção na construção do seu sentido (GOMES; MORAES, 2013).

O trabalho com o texto proverbial possibilita, portanto, o desenvolvimento da leitura como um ato de criação de sentidos, pois, para que o seu significado seja compreendido, é preciso, primeiramente, que o leitor identifique as lacunas deixadas, sejam elas na fala ou no texto escrito, e, uma vez encontradas, é necessário que haja uma reflexão acerca do conteúdo metafórico, uma vez que os ensinamentos contidos em tais textos são transmitidos implicitamente. Além disso, como o texto proverbial é carregado de conteúdo ideológico e cultural, o estudo desse gênero possibilita o desenvolvimento de uma análise discursiva que pode levar os alunos a reconhecerem até que ponto as informações transmitidas são oriundas de crenças de determinada comunidade e, sendo assim, não podem ser tomados como verdades absolutas. Como sabemos, os provérbios têm uma “forte vinculação com a cultura oral”, representando, então, “um importante legado das tradições e costumes que foram sendo repassados oralmente entre as sucessivas gerações” (FIGUEIREDO, 2012, p. 15). Desse modo, acreditamos que essa característica pode contribuir para uma maior aproximação entre o texto proverbial e os alunos, pois, apesar de não dominarem as práticas letradas, dispõem de uma maior intimidade com a cultura oral. Por isso, é necessário contemplar momentos que viabilizem a interação entre o conhecimento dos alunos e os saberes escolares, pois, agindo assim, proporcionaremos ocasiões que favorecerão a troca de experiências entre a herança cultural e os elementos trazidos pelos alunos através de seu convívio comunitário e familiar: “Desse modo, as práticas sociais de letramento vinculadas à tradição oral contribuirão sobremaneira para a ampliação de códigos e universos linguísticos do aluno” (GOMES, MORAES, 2013, p. 18).

Acreditamos que a familiaridade entre o texto proverbial e os alunos foi o motivo que gerou tanto empenho durante a realização das atividades que lhes foram propostas. Por isso, defendemos que as atividades de leitura devem ser realizadas, preferencialmente, de forma aprazível e livre de cobranças exaustivas. Além disso, é imprescindível que o professor promova um espaço para que os

alunos compartilhem suas interpretações e seus comentários acerca dos materiais que são oferecidos a eles como objeto de leitura. Afinal, “a leitura compartilhada é a base da formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106). Nesse sentido, as experiências vivenciadas por nós permitem que afirmemos que o professor, como mediador entre o texto e o leitor, deve guiar a atividade de leitura reservando um espaço para que o aluno atribua sentido ao texto através das suas próprias experiências e dos seus próprios conhecimentos, visto que leitura é, portanto, uma constante interação entre texto e leitor (JOUVE, 2002).

No nosso caso, mais do que levar os alunos a construírem o sentido do texto de modo autônomo, levamo-los a refletirem acerca dos preconceitos veiculados nos provérbios. Para Gomes e Moraes (2013, p. 35-36), “conduzir os alunos ao reconhecimento do caráter provisório dos preconceitos pautados em verdades aceitas por séculos a fio é contribuir com a conscientização e a abertura de suas mentes a mudanças pautadas na ética e no respeito ao outro”. Desse modo, propusemos a reescrita de alguns provérbios preconceituosos, os quais ficaram sob escolha dos próprios alunos. Depois de pensarem bastante, chegaram às seguintes versões: *Lugar de mulher é na escola; Mulher no volante, responsabilidade constante; Pau que nasce torto morre reto*. Durante essa atividade, conseguimos fazer com que os alunos refletissem acerca de ideologias que são aceitas por determinados grupos, mas que não constituem uma verdade para os demais. Em outras palavras, levamos os alunos a reconhecerem que as informações transmitidas são crenças da comunidade onde os provérbios circulam. No momento seguinte em que iniciamos a leitura de algumas fábulas, o nosso intuito foi levar os alunos a refletirem acerca da semelhança de sentido entre tais textos e os provérbios. Durante essa atividade, fizemos algumas perguntas orais e percebemos que o horizonte de leitura deles era bem exíguo, pois a maioria não conhecia os textos, apesar de serem bem conhecidos porque são difundidos no imaginário coletivo da região. Além disso, percebemos que a leitura dos textos não os motivou, pois interagiram muito pouco nessa aula e não conseguiram perceber alguns aspectos, como, por exemplo, a atualidade dos temas, o caráter metafórico e moralista, a semelhança com outros provérbios. No entanto, acreditamos que essa



reação dos alunos é resultado de práticas pedagógicas que compreendem a leitura apenas como uma prática de decodificação do texto escrito, em que este é entendido como um conjunto de palavras, cujo significado não importa.

Apesar de a aula não ter rendido muito, houve um momento em que os alunos interagiram quando começamos a discutir a fábula intitulada *A gansa dos ovos de ouro*, pois conseguiram relacionar o enredo dela a situações da realidade deles. A título de exemplificação, lembremos que os alunos relacionaram essa fábula com o provérbio *devagar se vai ao longe*, alegando que é preciso ter calma, pois a riqueza deve ser fruto de anos de trabalho honesto. Com isso, defenderam que as pessoas devem ser prudentes e não quererem enriquecer rapidamente através de métodos desonestos que poderão acarretar a perda de tudo o que foi conquistado apressadamente. Esse foi o único momento em que a discussão foi bem proveitosa e interativa entre os alunos, pois durante a leitura das demais fábulas não houve esse mesmo envolvimento. Talvez, a razão que motivou uma maior participação dos alunos durante a discussão da fábula *A gansa dos ovos de ouro* tenha sido o fato de o enredo dela sinalizar para situações e desejos análogos aos sonhos vividos pelos alunos em seu universo social e cultural.

Após essas ações em torno do gênero *provérbio*, passamos a apresentar aos alunos as obras poéticas *Eu Me Chamo Antônio*, de Pedro Gabriel, e *Pó de Lua*, de Clarice Freire. Lançamos essa proposta de leitura, pois pretendíamos fazer com que os alunos apreciassem as várias formas de manifestação do poético. Além disso, acreditamos que é imprescindível a presença da poesia no contexto escolar, uma vez que ela é indissociável à formação do ser humano (ALVES, 2007). Consequentemente, o professor tem o dever de garantir ao aluno o contato com a poesia, preferencialmente com textos poéticos em que eles se vejam representados porque veem presentes seus sentimentos, suas indagações acerca dos mistérios do mundo e se reconhecem nas experiências que estão sendo apresentadas. Por outro lado, é preciso que aos alunos seja facultado também o direito de falar não só sobre o que entendeu dos textos, mas também por que gostou ou não do que leu, que partes chamaram a atenção deles. Por isso, não só entregamos os textos para a escolha de

nossos alunos como também pedimos a eles que em voz alta lessem o texto. Entretanto, quando indagados sobre a razão de terem escolhido o texto que acabaram de ler, poucos conseguiram expor as razões de tal escolha. Isso é, a nosso ver, reflexo de práticas de leitura em que a participação ativa dos alunos não é levada em conta, uma vez que não lhes é dada a liberdade para fazer suas próprias escolhas. Além disso, muitas vezes, a metodologia utilizada pelo professor inibe o posicionamento do aluno, fazendo, assim, com que este não reflita acerca do texto lido, nem exponha o que realmente pensa, mas diga apenas aquilo que o professor pensa que o aluno deve dizer.

Nesse sentido, acreditamos que o professor deve instigar os alunos a tecerem a sua própria interpretação, mas, ao mesmo tempo, deve apontar que nem tudo é válido, pois, apesar da pluralidade de sentidos, as interpretações devem seguir as pistas oferecidas pelo texto. E o bom leitor é aquele que não só desvenda essas pistas, mas também descobre os sentidos que elas potencializam. Além disso, ao expor a sua interpretação, o docente não deve apresentá-la como a única possível, pois, ao agir desse modo, estará eliminando a capacidade criativa e interpretativa do aluno. Como ilustração, trazemos neste momento um recorte de nossas intervenções com o livro *Eu me chamo Antônio*, quando indagamos os alunos sobre o significado da palavra “tempestade” no texto a seguir:



Um dos alunos respondeu que “tempestade” estaria relacionada ao sofrimento amoroso e que, portanto, está representando as lágrimas. Conforme a interpretação desse aluno, o eu lírico está demonstrando o seu sofrimento causado pela indiferença da pessoa amada que não corresponde ao sentimento que lhe é devotado pelo eu lírico. Mesmo que essa pessoa amada seja a razão do sofrer do eu lírico, o sentimento nutrido por ela é tão forte que, mesmo causando dor, pensar nela vale à pena porque não pensar no ente amado ocasiona um sofrimento ainda maior. Neste caso,

hiperbolicamente, a palavra “tempestade” representa as lágrimas de dor derramadas. Após a leitura dos livros, lançamos aos alunos a proposta de criação dos seus próprios guardanapos poéticos. Dessa forma, acreditamos que essa sugestão foi uma forma alegre e divertida de produzir um texto escrito, especialmente de brincar com as palavras, uma vez que essa prática possibilitou aos alunos se valerem das mais diversas formas de linguagem para dar forma e revestimento poético ao que pensou, imaginou ou quis expressar. Por isso, para esta produção de cunho criativo e de temática livre, os alunos tiveram liberdade para escrever sobre o que quisessem e ilustrar da forma como bem entendessem. De início, os alunos se mostraram bastante interessados quando lançamos tal proposta, inclusive iniciaram imediatamente a produção dos textos e dos desenhos que iriam compor os guardanapos. No entanto, esse entusiasmo arrefeceu, pois, devido a alguns imprevistos, passamos duas semanas seguidas sem nos encontrarmos e, quando voltamos às nossas atividades pedagógicas, o interesse dos alunos já não era o mesmo. A maioria não se interessava mais pela proposta de produção e demonstrou pouca disposição para fazer a reescrita dos textos, o que demandou muito tempo até que pudéssemos finalizar as produções. Nesse ínterim, tivemos que chamar a atenção deles para a importância do processo de reescrita, alegando que um texto não é um produto acabado, ou seja, por melhor que esteja, sempre é possível modificá-lo, e que reescrever é uma das várias facetas do ato de escrever.

Durante esse processo, percebemos que os alunos estão acostumados com uma prática de escrita em que precisam apenas copiar algo, sem que lhes seja necessário lançar um olhar crítico diante do assunto que estão escrevendo. Em outras palavras, não compreendem a escrita como um processo de construção de sentidos, pois muitos queriam apenas copiar trechos de textos já existentes. Enfim, houve muito trabalho até as produções serem concluídas. Felizmente, houve boas produções durante essa atividade. Uma delas é a que apresentamos abaixo:

Além disso, durante essa atividade, percebemos que os alunos estão acostumados a realizarem atividades que resultam na produção de textos sem a devida reflexão. Um exemplo disso são os pontos, pois logo no início nos





perguntaram se tal atividade teria esse propósito. No entanto, acreditamos que essa perspectiva faz com que o desenvolvimento das atividades torne-se uma obrigação escolar mecânica e destituída de prazer, visto que os alunos cumprem-nas apenas para obter notas, o que não contribui para que fomentem o desejo pela prática de leitura e escrita como ferramentas cujos usos transcendem o pragmatismo de obtenção de uma nota ou de um ou outro ponto. Por fim, dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio da experiência descrita no presente trabalho, está o fato de que ressignificamos a prática de leitura e de escrita fugindo de metodologias mecânicas que não consideram a criatividade, a imaginação e a expressão das emoções dos alunos. Além disso, ajudamos a ampliar as expectativas de leitura dos alunos e a desenvolver, um pouco, suas habilidades interpretativas, o que possibilitou uma melhora no desenvolvimento das práticas letradas na turma em que atuamos.

CONCLUSÕES

Acreditamos que a formação de leitores depende de uma gama de fatores que, dado o pouco espaço de que dispomos aqui, nos furtamos de comentar. Em virtude disso, precisamos incentivar a prática de leitura desde as séries iniciais, estimulando a criança desde cedo para o prazer que a leitura nos proporciona. Pensando nisso, é que desenvolvemos algumas ações pedagógicas a partir do gênero *provérbio* em uma turma de alunos que ainda não dominavam as práticas letradas que são esperadas deles no ambiente escolar. Durante nossas ações, percebemos que, além da grande dificuldade de ler e escrever, os alunos também sentiam muita dificuldade em interpretar textos, em interagir a partir do conteúdo ministrado e em se posicionarem de acordo com suas próprias opiniões, o que, talvez, seja o resultado de práticas errôneas no ensino de língua materna a que eles vinham sendo expostos.

Outro aspecto que percebemos a partir de nossas intervenções é que, da experiência vivenciada no trabalho em fazer com que os alunos apreciassem as várias formas de expressão do



poético, inclusive aquelas advindas da expressão popular, foi à aproximação entre escola pública e universidade, o que proporcionou uma melhoria na instituição de educação básica onde atuamos, e inclusive nas ações pedagógicas da professora-supervisora, mas, sobretudo, propiciou a aprendizagem de saberes muito significativos para nós, professores em formação inicial. Por fim, reafirmamos que a nossa atuação no PIBID tem contribuído de forma significativa para nossa formação docente, uma vez que tem nos propiciado o contato com a realidade em que, futuramente, iremos atuar, levando-nos a refletir acerca das práticas de ensino desenvolvidas na educação básica, e nos desafiando a promover situações que possam contribuir para a melhoria do ensino, uma vez que somos impelidos a planejar e executar práticas metodológicas que realmente contribuam para o processo de aprendizagem dos alunos da rede pública de ensino básico. Em outras palavras, o PIBID tem colaborado para a formação de um profissional capaz de avaliar o que realmente é relevante para a sua futura atuação docente, de sugerir e de criar alternativas para lidar com as dificuldades encontradas no ambiente escolar e, por fim, mas não menos importante, de unir teoria e prática, ao refletir acerca da realidade vivenciada a partir das intervenções em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Hélder Pinheiro. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. [tradução Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.
- FIGUEIREDO, Glaucy Ramos. *O gênero proverbial na imprensa: usos e funções retóricas*. Recife, 2012. Tese (Doutoramento em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco.
- FREIRE, Clarice. *Pó de Lua*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.
- GABRIEL, Pedro. *Eu Me Chamo Antônio*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.
- GABRIEL, Pedro. *Segundo – Eu Me Chamo Antônio*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.
- GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. *Alfabetizar letrando com a tradição oral*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.